

Fábrica de Noobs

Desmistificando: Horatio Nelson

Natanael Antonioli

Setembro de 2024

1. SUMÁRIO

2. Identificação da história	3
3. Quem era Horatio Nelson, e como ele morreu?.....	4
4. O que realmente foi feito com o corpo de Nelson?.....	7
5. Por que o corpo foi preservado em conhaque, e não em rum?	10
6. Como a lenda surgiu?.....	11
7. Quais expressões vieram da lenda, e quais não vieram?	13
8. Há algum vestígio material do evento?.....	14
9. Alguém poderia beber álcool de um barril com um cadáver e sobreviver?	15
10. Conclusões	16

2. IDENTIFICAÇÃO DA HISTÓRIA

Horatio Nelson, um oficial da Marinha Inglesa, morreu na Espanha durante uma batalha em 1805. Um herói de guerra merecia um bom funeral, então seu corpo foi imerso em um barril cheio de rum. Reza a lenda que a presença de um cadáver em decomposição não impediu que os demais marinheiros bebessem desse barril, pois ele foi encontrado vazio quando o corpo foi retirado.

A reprodução da história fica por conta de um portal sobre bebidas alcóolicas (<https://drinksretailingnews.co.uk/rum-the-stuff-of-legend/>).

Figura 1: reprodução da história.

Rum: the stuff of legend

BY MARTIN GREEN
JULY 20, 2018

Legend has it that Admiral Horatio Nelson's body was put in a rum cask to preserve it for transportation back to England following his death at the Battle of Trafalgar. He had just defied the odds to secure a decisive victory, constantly thwarting Napoleon and defeating a combined French and Spanish fleet, and he was due to receive a glorious open-casket funeral. But the navy officials who received his body discovered the sailors had drilled a hole in the cask and sucked it dry, leaving Nelson semi-pickled and unfit for an open casket.

3. QUEM ERA HORATIO NELSON, E COMO ELE MORREU?

Horatio Nelson, nascido em 1758, foi um oficial da Marinha Britânica. Sua história é repleta de vitórias decisivas para a Inglaterra e, em 1805, Nelson já era um grande herói naval para seu país.

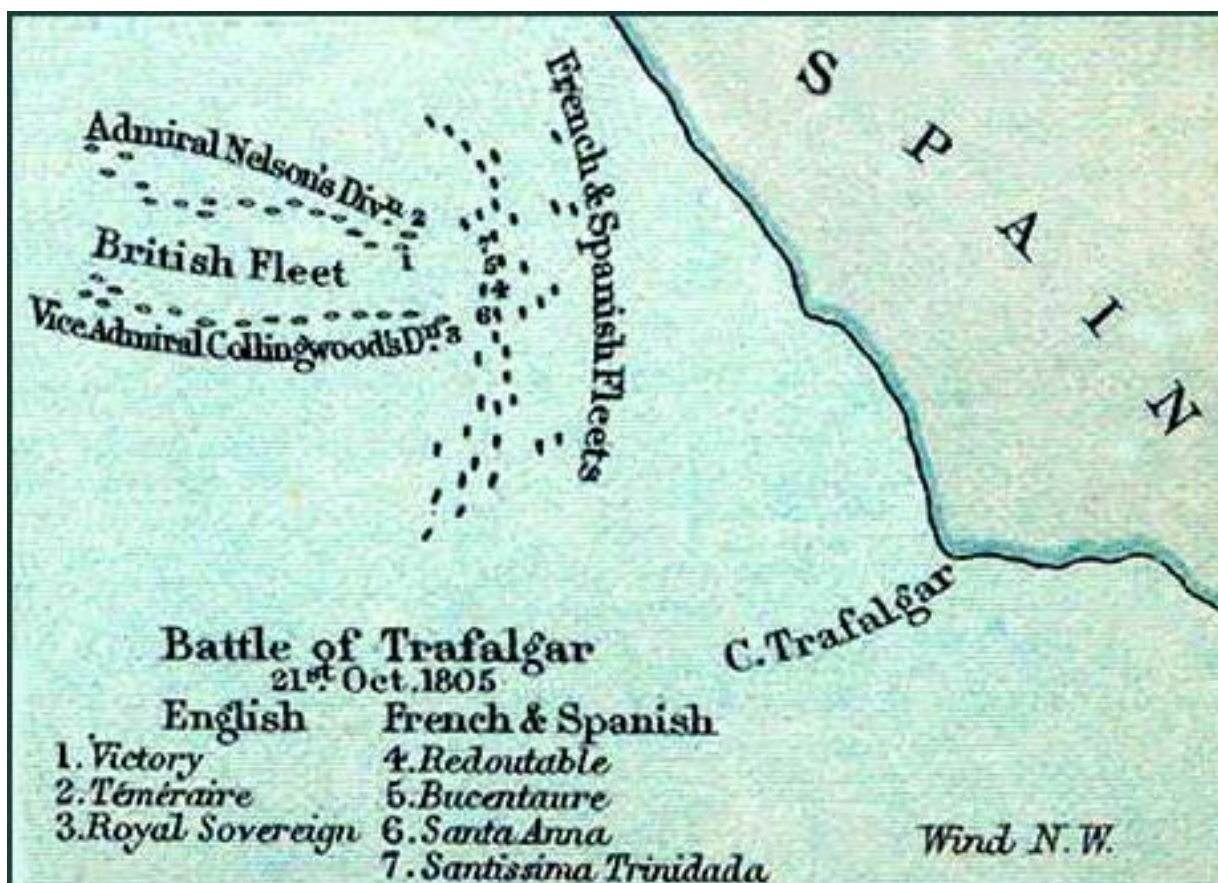
Figura 2: Horatio Nelson.



Nesse ano, ocorreu a Batalha de Trafalgar. Era uma batalha entre a Marinha Inglesa e as Marinhas Espanhola e Francesa, ocorrida durante a Guerra da Terceira Coalisão – a primeira das Guerras Napoleônicas.

O objetivo de Napoleão era tomar o Canal da Mancha, que separa a Inglaterra da França, e permitir que seu exército tomasse controle do Reino Unido. Porém, a frota franco-espanhola foi interceptada pela frota inglesa na costa espanhola.

Figura 3: mapa da batalha.



Nelson decidiu quebrar a linha franco-espanhola navegando diretamente em sua direção, e **o plano funcionou bem**: a frota franco-espanhola foi derrotada, e essa vitória definiu a superioridade marítima da Inglaterra nos próximos séculos.

Porém, Nelson foi baleado por um mosqueteiro inimigo posicionado a 15 metros de distância. A bala entrou por seu ombro esquerdo, passou por um pulmão, por sua espinha entre a sexta e sétima vértebra torácica e parou abaixo dos ossos de seu ombro direito, nos músculos das costas.

Ele foi levado para o nível inferior do navio, mas antes deu instruções aos seus subordinados e cobriu seu rosto com uma toalha para evitar pânico entre a tripulação. Quando encontrou o cirurgião, **disse que morreria logo**.

Nelson foi posto em uma posição confortável e recebeu limonada e vinho ao reclamar de sua boca seca. Quando informado que diversos navios inimigos haviam se rendido, Nelson

disse para transferir suas posses para Emma, sua amante. Sua voz foi enfraquecendo e, 3 horas após ser baleado, **Nelson morreu**.

Os jornais ingleses só souberam da morte de Nelson 16 dias depois, mas **transpareceram um sentimento misto de alegria e tristeza**: ao passo que **a Inglaterra havia vencido de forma esplêndida**, havia perdido um herói naval não só responsável por inúmeras vitórias, mas por essa.

Figura 4: publicação em jornal inglês.

announced to its readers that, “we do not know whether we should mourn or rejoice. The country has gained the most splendid and decisive Victory that has ever graced the naval annals of England; but it has been dearly purchased. The great and gallant NELSON is no more.”¹ Though

As testemunhas ainda estavam no mar e, nesse período, pouco se sabia sobre os detalhes da morte. Porém, jornais ingleses **receberam tantos poemas de leitores a respeito da morte de Nelson** que precisaram publicar pedidos para que novos poemas não fossem enviados.

4. O QUE REALMENTE FOI FEITO COM O CORPO DE NELSON?

Nelson merecia um funeral digno em que pudesse ser apresentado, mas a viagem da Espanha até a Inglaterra era longa demais. Ao passo que a lenda nos traz uma versão bastante cômica do evento, **ela é diferente das fontes primárias, que apresentaremos a seguir.**

O cirurgião no navio **era William Beatty**. Beatty era excepcionalmente bom em seu trabalho, de forma que **dos 102 soldados feridos na batalha, 96 sobreviveram graças aos seus esforços – incluindo 9 de 11 amputados.**

Figura 5: Beatty.



Sendo considerado capaz pela tripulação, **Beatty ficou encarregado de preservar o corpo.** Nossa fonte primária é o relato de Beatty, que escreveu um livro em 1807 descrevendo todos os eventos e justificando suas decisões (<https://www.gutenberg.org/files/15233/15233-h/15233-h.htm>).

No dia após a batalha, o cirurgião **decidiu por drenar um pouco do sangue do peito de Nelson a partir da ferida, cortar o seu cabelo, tirar suas roupas exceto a camisa, coloca-lo em um barril do maior tamanho disponível, e preenche-lo com conhaque – não rum, como a lenda afirma.**

Conhaque é uma bebida feita a partir da destilação do vinho, com teor alcóolico de 40 a 60%, ao passo que rum é uma bebida feita a partir da fermentação e destilação da cana de açúcar, com teor alcóolico de 40 a 80%.

O barril **foi mantido em vigília constante.** Um furo foi feito em seu topo, e outro em seu fundo, ambos fechados, **para permitir que o conhaque fosse trocado de tempos em tempos sem que o corpo fosse movimentado.** Duas semanas na viagem, **um deslocamento de ar dentro do barril fez com que a tampa saltasse, fazendo o guarda acreditar que Nelson estava vivo.**

Quatro dias depois desse incidente, em 28 de outubro, **o navio chegou em Gibraltar – que fica na direção oposta da Inglaterra, mas próximo de Trafalgar, sendo de domínio britânico na época e escolhido como ponto para reparos no navio e melhor preparação do corpo.**

Em Gibraltar, o barril foi esvaziado de conhaque – e notou-se que **o corpo havia absorvido uma certa quantidade.** O barril foi, então, **preenchido com etanol de concentração em aproximadamente 95%, produzido também a partir da destilação do vinho –** esse líquido, na época, era chamado de *spirits of wine*, não era bebido, mas usado para fins preservação, medicinais ou industriais.

No dia 29, marinheiros feridos foram enviados para um hospital em Gibraltar, e o navio foi reparado. O navio saiu de Gibraltar no dia 2 de novembro, mas os ventos o levaram de volta para o porto. Aguardou-se ventos favoráveis e, **no dia 4, o navio saiu em direção à Inglaterra.**

Durante as próximas semanas, **o barril era drenado e preenchido com um terço de etanol e dois terços de conhaque**. Após 5 semanas no mar, **o navio chegou em Spithead, na costa sul da Inglaterra**.

No dia 11 de dezembro, o corpo de Nelson **foi retirado pela primeira vez do barril e colocado em uma mesa de autópsia para inspeção pelo cirurgião**. Externamente, o corpo **exibia um estado de perfeita preservação**, mas **uma análise dos intestinos revelou um nível avançado de decomposição**. Isso fez com que Beatty retirasse suas vísceras, **localizasse a bala, a retirasse, e escrevesse um relatório detalhando a causa da morte**.

Já em terra, uma melhor preparação pode ser feita. O corpo **foi vestido em algodão, e embrulhado com bandagens do mesmo material**. Ele, então, **foi colocado em um caixão de chumbo, que foi preenchido com uma solução de conhaque, cânfora e mirra**. Esse caixão **foi colocado em um caixão de madeira**.

No dia 21 de dezembro, o corpo foi removido e verificado **estar em boas condições, levemente inchado, algo que foi resolvido fazendo fricção com um guardanapo**. Todos os amigos de Nelson **presenciaram o corpo em boas condições**.

O corpo **foi vestido com uniformes navais, colocado em um caixão feito da madeira do mastro do navio L'Orient, que explodiu na Batalha no Nilo, e coberto com um sudário**.

Esse, nas palavras do cirurgião, **foi o último momento em que o corpo foi visto por olhos humanos**. O caixão **foi posto em outro caixão de chumbo, que foi soldado, e então colocado em outro caixão de madeira**.

A Inglaterra **fez um funeral elegante para Nelson**, que contou com procissão em barcos, procissão em carruagens e um velório na catedral de São Paulo, que havia sido ampliada para comportar 9 mil pessoas. Inúmeros monumentos foram erguidos em homenagem a Nelson.

5. POR QUE O CORPO FOI PRESERVADO EM CONHAQUE, E NÃO EM RUM?

O cirurgião **foi criticado por preservar o corpo em conhaque ao invés de rum**, já que ambas as bebidas existiam em estoque no navio e era ideia popular de que rum seria a melhor opção.

Porém, Beatty escreveu, em seu livro, que **a escolha do conhaque foi feita pelo maior teor alcóolico, de onde derivam suas propriedades antissépticas**. Não há como checar se a escolha de Beatty foi correta – afinal, **ele não possuía um densímetro, e o teor alcóolico do rum e do conhaque no navio era desconhecido**. Beatty **provavelmente experimentou ambas as bebidas e decidiu pelo conhaque**.

Hoje, sabemos quais moléculas orgânicas existem em conhaque e em rum (<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK531662/>), mas **não existem estudos sobre qual bebida cumpre melhor função em preservar um corpo** – afinal, técnicas de preservação de espécimes não mais dependiam de bebidas alcóolicas quando compostos orgânicos foram identificados.

Entretanto, como o corpo chegou em bom estado na Inglaterra – algo testemunhado por amigos e oficiais – **consideramos que a escolha de Beatty foi eficaz**.

6. COMO A LENDA SURTIU?

Sabemos que **a história contada é definitivamente falsa**, que **ninguém bebeu o líquido usado para preservar Nelson**, e que **o líquido até chegar em Gibraltar era conhaque, não rum**. Mas como essa lenda surgiu?

A escolha do rum como bebida utilizada provavelmente se deve a uma série de fatores culturais. Primeiro, **porque muitos viam rum como a escolha adequada para preservação** – apesar **do cirurgião discordar dessa postura** – e, quando o boato foi desmentido dois anos depois, **ele provavelmente já havia se consolidado**.

Em segundo lugar, porque a Marinha Inglesa, entre 1655 e 1970 (portanto, a quase dois séculos do ocorrido) **fornecia uma porção diária de rum aos seus marinheiros**. Assim, **rum era visto como uma bebida de homens trabalhadores**, ao passo que conhaque era visto como uma bebida da elite – marinheiros bebendo rum **torna a história muito mais carismática**.

Não conhecemos a fonte primária para lenda, mas **sabemos que ela surge no imaginário popular nas décadas seguintes** e que as primeiras versões **diziam que o barril era preenchido porque os marinheiros bebiam do rum** – e que **somente versões posteriores afirmaram que o barril chegou vazio**.

Conhecendo a reputação que marinheiros possuíam, **é de se imaginar que uma história do tipo fosse criada e se tornasse popular** – afinal, **ela traz uma versão divertida sobre a volta de Nelson para a Inglaterra que, décadas depois, era muito mais celebrado do que lamentado**.

Ao mesmo tempo, outras lendas, igualmente falsas, surgiram. Uma lenda de 1815 conta que um general que morreu na batalha de Nova Orelans foi preservado em um barril rum que deveria ser enviado para a Irlanda, **mas foi acidentalmente enviado para a Carolina do Norte e servido em uma festa**.

Outra lenda conta sobre uma família inglesa que descobriu um barril de rum jamaicano no porão de sua nova casa e, **após anos bebendo deste rum, encontrou um corpo no fundo do barril.**

Outra lenda conta que, em 1861, o maquinista de um trem transportou uma enorme caixa vinda de Java. Os funcionários perceberam que o líquido na caixa estava vazando, o experimentaram e viram se tratar de bebida alcóolica. Toda a tripulação bebeu do líquido e, ao chegar na estação, encontraram um professor que **pediu pela “caixa com um macaco de Bornéu preservado em licor”.**

Variações dessa história são ainda mais antigas. Abd el Latif, um historiador árabe, escreveu no século XIII como um grupo de caçadores de tesouros encontrou uma jarra de mel em uma tumba abaixo de uma pirâmide egípcia. Eles decidiram fazer um lanche embebendo pão no mel, **até que um dos caçadores encontrou um cabelo humano – que se conectava ao corpo de uma criança no fundo da jarra.**

Em todas as histórias, há um senso de justiça poética: os que bebem a bebida contaminada **ou o fazem porque violam alguma regra** (como os marinheiros de Nelson e os caçadores de tesouros), **ou porque são de uma nacionalidade satirizada pela nacionalidade do defunto segundo os que narram a história** (como os americanos na Carolina do Norte) **ou porque estão abaixo da classe social do recipiente** (como os maquinistas).

Há, porém, uma história semelhante cuja moral reflete o desgosto dos franceses **pelo vinho estrangeiro**: conta-se que vinho importado da Argélia frequentemente chegava em barris, que eram esvaziados em garrafas até que, em dado momento, **o corpo de um argeliano morto (com uma faca nas costas, ou uma corda no pescoço) era encontrado** tarde demais para que as garrafas fossem identificadas e descartadas.

7. QUAIS EXPRESSÕES VIERAM DA LENDA, E QUAIS NÃO VIERAM?

Muitas expressões surgiram dessa lenda, como chamar rum de *Nelson's blood*, o que deu origem a uma canção de marinheiros chamada *A Drop of Nelson's Blood*.

Outras, porém, não vieram. A expressão *sucking the monkey*, usada para descrever o ato de beber rum com um canudo de um furo no barril, **vem da lenda dos maquinistas**.

Já a expressão *tapping the Admiral*, que designa o mesmo ato e parece totalmente adequada para a lenda de Nelson, **não vem dela**. Não sabemos sua origem, mas **ela se encontra em um artigo de 1790, 15 anos antes da morte de Nelson**.

8. HÁ ALGUM VESTÍGIO MATERIAL DO EVENTO?

Além do corpo de Nelson – que, nesse momento, deve se parecer como um esqueleto qualquer e está inacessível – **há também uma suposta amostra de conhaque utilizado para preservar o corpo de Nelson.**

A pequena garrafa se tornou notícia em 2019 (<https://www.dailymail.co.uk/news/article-7209033/Bottle-brandy-barrel-used-preserve-Admiral-Nelsons-body-Bristol-museum.html>) e estava na posse de um museu desde 1862, quando foi doada por um mordomo de um capitão aposentado.

Figura 6: garrafa em questão.



O texto no papel lê-se *Part of the liquor in which the body of Lord Nelson was preserved – after the Battle of Trafalgar*. Em 2019, **foi anunciado que o material seria testado por uma universidade** para determinar a sua autenticidade – ou, ao menos, negá-la caso o conhaque seja mais recente que 1805. Porém, **nenhuma notícia posterior foi divulgada.**

9. ALGUÉM PODERIA BEBER ÁLCOOL DE UM BARRIL COM UM CADÁVER E SOBREVIVER?

Não temos registros de pessoas que realmente fizeram isso. Porém, uma situação parecida ocorreu no Hotel Cecil, quando o corpo de Elisa Lam ficou 3 semanas em uma caixa d'água de um hotel, cujo conteúdo era consumido pelos hóspedes (o caso é enigmático, mas pode ser compreendido no nosso vídeo a respeito, em <https://www.youtube.com/watch?v=DJo10lsQSME>).

Não há registros de doentes ou mortos após o consumo da água do hotel Cecil, e provavelmente o consumo, apesar de não ser indicado, não traria grandes danos, já que o ácido estomacal do ser humano é forte o bastante para combater as bactérias da decomposição, e as consequências, se ocorressem, seriam equivalentes às de uma intoxicação alimentar, com vômitos e diarreia.

No caso de beber álcool de um barril com um cadáver, **os efeitos seriam ainda mitigados pelo álcool, que mataria a maioria das bactérias.** Portanto, é pouco provável que essa atitude levasse a óbito – apenas a transtornos passageiros do sistema digestivo, uma péssima recordação e um possível trauma.

10. CONCLUSÕES

Assim, podemos concluir que, apesar de a história ser bastante espirituosa e divertida, **ela é completamente falsa**. O barril com o corpo de Nelson **foi vigiado constantemente até a Inglaterra**, e **não há qualquer registro de marinheiros bebendo do líquido**, algo que o cirurgião a bordo certamente não permitiria, seja pela honra de Nelson, quanto pelos riscos associados.

A lenda surgiu décadas depois do funeral de Nelson, e segue uma tradição de lendas semelhantes mais antigas, **na qual alguém, em uma espécie de justiça poética, consome um produto imerso em restos humanos ou animais**.